



¹⁹ M. I. LADEIRA. Yvy marãey, p. 98.

²⁰ CIMI REGIONAL MS. O mistério dos suicídios. *Porantim* XXI/249 (outubro 1999): 4.

²¹ A CARTA A DIOGNETO. V,4 e VI,3.7.

²² AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 44s (cap. 6,10).

²³ Cf. S.-A. JØRGENSEN. Utopisches Potential in der Bibel. Mythos, Eschatologie und Säkularisation. Em: W. Voßkamp (org.), *Utopieforschung*. Vol. 1, Frankfurt: Suhrkamp (st 1159), 1985, p. 375-401, aqui 377.

²⁴ Cf. *Porantim* XX/212 (Jan./Fev.-1999): 8s.

²⁵ Cf. dados e texto em: CIMI-REGIONAL LESTE. *Campanha internacional pela regularização do território Pataxó Hã-Hã-Hãe*. 2000.

²⁶ Fonte: Cimi Itabuna (BA), 31.7.2001.

Endereço do Autor:

Cx. Postal 46023
04046-970 SÃO APULO SP
E-mail: sues@uol.com.br

ENCONTROS

Teológicos

O artigo insiste em que "o diálogo deve ser a postura do missionário", o qual não deve excluir, mas dialogar com as diferenças. E o que seria, então, "evangelizar o diferente"? É partilhar vida, bens, dons, saberes, em suma, viver conforme os ensinamentos de Jesus sem a preocupação de dogmatizar, catequizar ou converter. Olhando nossa ação como Igreja, percebe-se a importância da criação do CIMI, Conselho Indigenista Missionário, em 1972, com a sua decidida rejeição do colonialismo, paternalismo, tutela, integração. Quais seriam os princípios, os métodos, a pedagogia de Jesus? Não foi a en-carnação, o "descer" até nós para viver a nossa vida? É isto que os nossos indígenas, cada vez mais conscientes e críticos de nossa ação no passado, esperam de nós hoje: que estejamos a seu lado e, concretamente, apoiando a sua luta pela terra.

Desafios Pastorais:

Diálogo e Evangelização

Ir. Rosirene Nascimento
Agente de Pastoral do CIMI, SP





“A imagem de um mundo indiviso se nos configura hoje como uma espécie de sonho ou estória encantada. Temos, contudo, a necessidade de captar-lhe as condições de existência e seu significado”¹



que representaria para nós hoje o mundo indiviso? Por que “diálogo e evangelização”, e não evangelização e diálogo, como costumamos encontrar nos textos?

É no diálogo que se verifica, se capta, se entende e se busca. Sem diálogo torna-se impossível estabelecer relações.

A evangelização é, eminentemente, relação. Portanto, a postura de diálogo é imprescindível para que possa acontecer abertura dos sujeitos em relação.

Por mais que autores identifiquem as comunidades indígenas do país, como povos que perderam grande parte da cultura dos primeiros contatos, uma coisa parece-nos ficar evidente: não foi possível ainda, à nossa civilização, destruir totalmente a forma globalizada com a qual estes povos vêm a vida. A evangelização se propõe a ser o reforço ao auto e hétero reconhecimento cultural. E, neste ponto, o diálogo deve ser a postura do missionário.

O “mundo indiviso” dos povos indígenas é o mundo sem compartimentação. O dualismo greco-romano de exclusão (do certo x errado, do bom x mau, da morte x vida) difere do sistema dual das metades clônicas de grande parte dos povos e nações indígenas, como por exemplo os pertencentes à família linguística Jê. O sistema dual, para os povos indígenas, é o que garante a complementariedade. Esta não exclui mas dialoga com as diferenças, propõe e codifica a relação dos sujeitos em diálogo. Esta postura não vê a diferença como antagonica e que deva ser execrada ou eliminada, mas como complemento. Aqui estaria, no nosso entendimento, o principal obstáculo para o diálogo entre estas duas visões.

A visão dualista excludente teria como primeiro entrave a formulação de conceitos morais seguidos de veredito: “o índio é pagão, logo, deve ser convertido”. Ou ainda: “é necessário fazer com que ele (índio) entenda Deus e aceite Jesus Cristo”. A evangelização explícita parece ser, para muitos evangelizadores, a única forma de anúncio. Contraindo-se a estes, constata-



se a concepção indígena que se expressa de outra forma: “Entendemos que a religião é um mistério e que suas expressões diferem na sua diversidade cultural. Para nós indígenas, a Boa Nova já existe dentro das nossas convivências. Isso ninguém pode conhecer, pois é o ‘mistério da fé’ de cada povo”.²

O segredo (da diferença), “que ninguém pode conhecer”, é o fato de que ela pode ser partilhada através do diálogo e da convivência, mas nunca invadida, substituída ou abolida totalmente. A “semente” da diferença fica latente, pedindo para nascer... aberta para a partilha.

Evangelizar o diferente é partilhar vida, bens, dons e saberes, em suma, é viver conforme os ensinamentos de Jesus sem a preocupação de dogmatizar, catequizar ou “converter”.

O documento final do Bloco B - Culturas indígenas do COMLA-5, falando de inculturação, diz: “É necessário construirmos juntos uma Igreja pluricultural. Isto, através de uma evangelização inculturada, em atitude de respeito, de abertura às culturas e religiões e a partir do processo histórico libertador” de cada cultura ...”

Os compromissos reiterados do COMLA 5, para toda a Igreja Católica na AL, afirma o seguinte: Evangelizar é “anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo a todos os Povos”, e ainda: “Evangelizar é anunciar a Boa Nova da libertação integral em Jesus Cristo, a partir das lutas pela vida, autodeterminação, defesa e resgate de suas terras e culturas, no atual contexto sócio-econômico-político de ideologia neoliberal”³.

Olhando nossa ação como Igreja, percebemos que, a partir da criação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi/1972) verifica-se uma nova orientação frente a questão da evangelização e diálogo. Essa postura se caracteriza pelo rechaço ao colonialismo, ao paternalismo, à tutela e à integração. Múltiplos fatores influíram nessa tomada de posição. No que se refere à Igreja, em uma avaliação séria de seus trabalhos ao longo da história, que se, de um lado “salvava” o físico do indígena (livrando-o da peia dos invasores), e sua alma pelo batismo, por outro, destruía-lhe a essência do ser - sua cultura, deixando-o vulnerável em sua resistência. No que concerne aos Povos indígenas, estes deixaram, nestes últimos anos, de ser objeto de ações filantrópicas por parte dos não indígenas, tornando-se, eles mesmos, protagonistas de sua própria palavra e ação. “Seu silêncio ancestral e resistência passiva se transformam em luta ativa e em voz poderosa, que sacode as consciências”.⁴

Dom Proaño, do Equador, alerta para o fato de que “muitos indígenas, ao conhecer melhor a verdade dos fatos históricos e daquilo que agora está



ocorrendo, tornaram-se atualmente muito críticos com relação ao papel de seus principais 'benfeitores' - o Estado e a Igreja: eles começaram a abrir os olhos, começaram a enxergar, começaram a soltar a língua, começaram a recuperar a palavra, começaram a expressá-la com coragem, começaram a colocar-se de pé, começaram a caminhar, começaram a organizar-se, a realizar ações que podem converter-se em ações de transcendental importância para eles, para os países da América, para muitos países do mundo"⁵.

Esses mesmos índios, que passam a entender melhor a história dos não-índigenas e a interpretar o que lhe ocorreu através dos séculos à luz destas duas histórias (a sua e a do outro, do diferente), frente ao trabalho evangelizador da Igreja, tornam-se observadores ousados e extremamente críticos.

É importante lembrar que devolveram a Bíblia ao Papa João Paulo II, em sua visita ao Peru, em 1985, fazendo a seguinte consideração: "Em cinco séculos, não nos deu amor, nem paz, nem justiça. Por favor, tome de novo sua Bíblia e a devolva novamente aos nossos opressores, porque eles precisam de seus preceitos morais mais do que nós"⁶.

Esses fatos e outros tantos com relação à tomada de consciência da Igreja ou da auto-determinação assumida pelos povos indígenas, continuam produzindo seus efeitos que, provavelmente, serão benéficos para índios e não-índios.

Os questionamentos continuam para ambos os lados. Por parte da Igreja, constata-se em seus documentos, bem como em grupos de cristãos missionários, um grande esforço para entender a teologia indígena. Por seu lado, as comunidades indígenas continuam seu questionamento lembrando não somente fatos do passado, mas, inclusive, questionam a raiz da credibilidade dos novos objetivos eclesiais e, segundo Dom Briseño, o fazem com uma sombra de desconfiança: "... já transcorreram 500 anos de evangelização e os cristianizadores continuam redobrando esforços para converter-nos ao cristianismo. Agora nos falam de uma "nova evangelização, de um Cristo índio, de uma igreja autóctone, como se houvesse transformado agora na Boa Nova do amor a que surgiu no seio da nossa própria cultura...". E continuam dizendo que não seria com eufemismos que se mudaria o caráter colonialista, proselitista e intolerante dessa forma de manifestar o cristianismo. E que, não só no passado, mas continua hoje um comprometimento bem claro com o sistema (político). Alegam que os métodos usados pelos que se propõem à evangelização são até mais perigosos do que os antecedentes, porém, com a mesma finalidade: aproximação, absorção e inculturação do evangelho em todo o vestígio cultural indígena"⁷.



Em questão de evangelização, a Igreja Católica tem uma proposta. Seu modelo é o próprio Jesus. Quais seriam os princípios, os métodos e a pedagogia de Jesus? Ele vive no meio do povo como um deles: "*não é este o filho de Maria, não mora ele em Nazaré?*" Ele "*encarnou-se*", "*tornou-se um de nós*", como nos diz Paulo, "*a fim de levar todos a Deus*" (1Pd 3,18). Jesus "*viu e ouviu*" a aflição do povo, mesmo antes da encarnação, e "*desceu*" para libertar (cf Ex 3,7-8).

Os povos indígenas estão a nos dizer onde querem que estejamos juntos, lado a lado na mesma luta: "Nós indígenas expressamos a religião dentro da nossa cultura. Na cultura está a força da resistência ... e para poder mantê-la precisamos da terra ... Para isso, contamos com um compromisso concreto das Igrejas. Que apoiem a nossa luta pela terra. Esta é para nós a Boa Nova, hoje"⁸.

Como se dá a relação de diálogo? Esta se dá no encontro das culturas. O que seria este encontro das culturas? Seria, talvez, tomar o que de melhor existe em cada cultura, colocá-lo no "liqüidificador" da história (da Igreja, quem sabe...), retirando daí o "caldo cultural", ou ainda, o "caldeamento das raças", substrato de uma cultura ideal: "a cultura do terceiro milênio"?

É possível pensar e agir diferente? Podemos entender "encontro de culturas" como diálogo, reciprocidade, confronto de formas diferenciadas de entender a vida e o cosmos, que serão fonte de onde surgem novas formas de entender a vida. O diálogo é o espaço - fonte a jorrar novas soluções para os problemas do mundo e dos seres humanos. Soluções possíveis para todos (não apenas para um pequeno grupo econômico ou étnico), que reflitam as aspirações e sonhos da humanidade. Esta é a proposta de Jesus Cristo: "...que todos sejam um como eu e o Pai somos um" (Jo 17,11b). Entendendo esta "igualdade" como a entende a Teologia: o Pai não é o filho, o Filho não é o Pai nem o Espírito Santo, porém são **um** na ação.

Muitas e variadas crenças e religiões estão presentes no universo cultural de cada povo. O imaginário religioso de cada cultura dita formas múltiplas e diferentes de entendimento do universo, do Criador de suas origens e de suas criaturas. Esta diversidade não deve ser excludente.

O diálogo inter-religioso deve levar à busca da melhor forma de estarmos no mundo. Que as ciências que medeiam nossas relações possam contribuir para que todos os humanos possam retirar dos diferentes substratos, formas de fazer este mundo habitável. Enfim, que a promessa escatológica seja o lugar onde o Pai receba todos os seus filhos ao redor da mesma mesa.



Notas:

- ¹ José Maria PAIVA. Colonização e Catequese. Ed. Cortes, São Paulo, 1982, p.21.
- ² Comunicado das lideranças indígenas convocadas para o COMLA-5, Brumadinho, MG, 18.6.1995.
- ³ Conclusões - versão oficial – COMLA 5, p.54.
- ⁴ Homília pronunciada por D. Bartolomé Carrasco Briseño, arcebispo de Aoxaca, a 12 de maio de 1993, na Basílica de N.S.de Guadalupe.
- ⁵ Dom Leônidas Proaño - Bispo venerando dos Índios no Equador - Pensamentos compilados por Dom Augusto Bravo. Equador, 1989.
- ⁶ Relatório apresentado pelos meios de comunicação.
- ⁷ Colonização. Pop Caal. Guatemala, 1992, SPEM, Cuaderno n* 2, p.36-38.
- ⁸ Comunicado conjunto das lideranças indígenas presentes ao COMLA-5, Brumadinho, MG, 18.6.1995

Endereço da Autora:

a/c da Redação: ITESC - Cx. 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC



O artigo é uma ampla reflexão teológica sobre os elementos sócio-teológicos do diálogo entre Cristianismo e religiões indígenas no Brasil. Analisando a "dimensão sociológica" do diálogo, o autor estuda os seguintes elementos ou fatores: o político/ideológico, o econômico, o social, e o cultural. Reflete a seguir sobre a correlação entre religião e cultura e, depois, sobre o passo a ser dado, "da antropologia à teologia". Um ponto, entre tantos outros, que mereceria atenção especial, é a relação entre teologia e ecologia, dada a profunda inserção do índio na natureza. Passando para os elementos teológicos constitutivos do diálogo, o autor estuda as "bases" eclesiológica, cristológica, soteriológica, e missiológica, abordando problemas fundamentais como o da necessidade da Igreja para a salvação, a unicidade do evento Cristo e da salvação por meio dele, e o mandato missionário coexistindo com a consciência da "presença de Cristo nas religiões". Isto implica, conclui o autor, em compreender o diálogo interreligioso não como um "instrumento" da evangelização, mas como constitutivo do próprio processo evangelizador.

Elementos sócio-teológicos constitutivos do diálogo do cristianismo com as religiões indígenas no Brasil

Pe. Elias Wolff

membro do clero da Diocese de Lages, SC. Professor de teologia sistemática no ITESC, Ecumenismo e Diálogo Interreligioso no Seminário Interdiocesano de Teologia de Cascavel (PR), e Antropologia Filosófica na Fundação Educacional de Brusque (SC).

